

LUIZ BERNARDO PERICÁS

C A I O   P R A D O   J Ú N I O R  
uma biografia política



Copyright © Boitempo Editorial, 2016  
Copyright © Luiz Bernardo Pericás, 2016

*Direção editorial*

Ivana Jinkings

*Edição*

Bibiana Leme

*Coordenação de produção*

Livia Campos

*Assistência editorial*

Thaisa Burani

*Preparação*

Mariana Echalar

*Revisão*

Luzia Santos e Fernanda Guerriero

*Diagramação e capa*

Antonio Kehl

(layout de capa sobre projeto original de Studio DelRey; na primeira capa, foto de Caio Prado Júnior em 11 jun. 1978, cedida pelo acervo do IEB-USP; nas guardas e na quarta capa, gravuras em metal de autoria de Carlos Prado, publicadas no livro *A cidade moderna*, de 1958)

*Equipe de apoio:* Allan Jones / Ana Yumi Kajiki / Artur Renzo / Eduardo Marques /  
Elaine Ramos / Giselle Porto / Isabella Marcatti / Ivam Oliveira / Kim Doria / Leonardo Fabri /  
Marlene Baptista / Maurício Barbosa / Renato Soares / Thaís Barros / Túlio Candioto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P519c

Pericás, Luiz Bernardo

Caio Prado Júnior : uma biografia política / Luiz Bernardo Pericás.

- 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

il.

Inclui índice

ISBN 978-85-7559-448-3

1. Prado Júnior, Caio, 1907-1990. 2. Políticos - Brasil - biografia.  
3. Brasil - Política e governo. I. Título.

16-29952

CDD: 923.2

CDU: 929.32

---

Este livro contou com o apoio da Fapesp. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da Fundação.

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: março de 2016

BOITEMPO EDITORIAL

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

CEP: 05442-000 São Paulo-SP

Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869

editor@boitempoeditorial.com.br

[www.boitempoeditorial.com.br](http://www.boitempoeditorial.com.br) | [www.boitempoeditorial.wordpress.com](http://www.boitempoeditorial.wordpress.com)

[www.facebook.com/boitempo](http://www.facebook.com/boitempo) | [www.twitter.com/editorabotempo](http://www.twitter.com/editorabotempo)

[www.youtube.com/user/imprensaboitempo](http://www.youtube.com/user/imprensaboitempo)

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	7
INTRODUÇÃO .....	II
1. O INGRESSO NO PCB.....	29
2. LEITORES (E LEITURAS) MARXISTAS DE CAIO PRADO JÚNIOR .....	49
3. PRIMEIRA VIAGEM AO MUNDO DO SOCIALISMO .....	81
4. OS ANOS DE FOGO: DA ANL AO CÁRCERE .....	97
5. NOVAS TRINCHEIRAS DE LUTA .....	113
6. A BATALHA DAS IDEIAS.....	143
7. DE VOLTA AO MUNDO DO SOCIALISMO .....	169
8. DO GOLPE DE 1964 AOS DEBATES SOBRE A REVOLUÇÃO BRASILEIRA ...	199
9. A HORA DAS FORNALHAS.....	217
10. REFORMA, REVOLUÇÃO E SOCIALISMO.....	225
11. O HOMEM QUE INVENTOU ESSE TAL DE MARXISMO NO BRASIL....	239
12. ÚLTIMOS ANOS.....	257
CONCLUSÃO.....	277
NOTAS .....	289
CRONOLOGIA .....	409
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	413
BIBLIOGRAFIA .....	431
CRÉDITOS DAS IMAGENS .....	479
SIGLAS .....	481
SOBRE O AUTOR .....	485

# 3

## PRIMEIRA VIAGEM AO MUNDO DO SOCIALISMO

Mas não apenas as leituras serão importantes para formar a visão socialista de Caio Prado Júnior. As viagens representarão um elemento essencial para que ele molde suas opiniões sobre diversos temas carentes no campo do marxismo, como o caráter da “revolução” e o “partido”.

Assim como fazia em seus pérriplos pelo Brasil, embrenhando-se no interior para ver de perto a realidade nacional e levantar informações para seus textos, também fará em nações tão distantes como a União Soviética, a China ou Cuba. Em cada uma de suas experiências no exterior, fará anotações, fotografará pessoas, conversará com gente comum. Procurará, nesse sentido, produzir o retrato mais fiel possível daquelas realidades.

O fato é que, desde que ingressou no PCB, Caio teve enorme interesse em criar vínculos políticos e culturais com a URSS, laços estreitos que durariam ininterruptamente até 1968, ano em que as tropas do Pacto de Varsóvia invadiram a Tchecoslováquia. Logo que entrou para as fileiras comunistas, participou de sessões do Congresso Social e da Sociedade dos Amigos da União Soviética na capital paulista<sup>1</sup>. A partir de 1933, estabeleceu contato com a Associação de Amigos da União Soviética espanhola<sup>2</sup>, e, dois anos mais tarde, na condição de secretário da recém-fundada AGB, escreveu para a Voks, com o intuito de criar uma ponte entre as duas entidades e intercambiar publicações<sup>3</sup>.

Vale recordar que a desinformação sobre a Rússia era enorme, e que a imprensa no Brasil e na América Latina, em boa medida, posicionava-se de forma desfavorável aos soviéticos. Mesmo que os bolcheviques tivessem chegado havia mais de uma década e meia ao poder, as instituições e a vida política na URSS permaneciam um enigma para fatias significativas da população; o interesse pelo país, portanto, continuava grande. Artistas, jornalistas e intelectuais de todo o continente afluíam periodicamente à terra de Lenin e, ao retornar para casa,

publicavam artigos e livros sobre suas experiências, apresentando em geral um panorama bastante variegado para a audiência local, ávida por informações de primeira mão.

As viagens à União Soviética, nos anos 1930, podiam ser feitas de navio, trem e avião; comumente, eram longas e desconfortáveis. O caminho mais utilizado era via Berlim. Para Leningrado, partia-se daquela cidade ou do norte da Alemanha e, para Moscou, de Varsóvia, em comboio<sup>4</sup>. Da capital germânica, por terra, demorava-se de 35 a 42 horas, cortando o corredor polonês, a Lituânia e a Letônia, a um custo aproximado de sessenta dólares por passageiro (em primeira classe). De vapor, saindo de Stettin ou Kiel, o trecho durava de três a quatro dias e custava um pouco mais caro<sup>5</sup>. Havia, por certo, voos para algumas cidades soviéticas importantes, ainda que fossem menos utilizados do que os transportes terrestres ou marítimos. A Deruluft<sup>6</sup>, por exemplo, fazia a ponte aérea entre Berlim e Moscou em doze horas, pelo preço de setenta dólares.

A maioria das composições russas que transitavam nas 24 ferrovias da União Soviética possuía apenas uma classe, o equivalente à terceira, ainda que o Estado permitisse, em alguns casos, vagões de primeira e segunda para turistas, intercalados aos outros. As cabines tinham espaço para quatro pessoas, enquanto nos carros comuns havia 64 assentos (ou 38 leitos).

O trajeto de Moscou a Leningrado, pelas estradas de ferro da chamada October Railway, durava em torno de 10 horas pelo Krasnaia Strela [Seta Vermelha] ou pelo October Express [Expresso de Outubro]<sup>7</sup>; de Kiev a Odessa, 15 horas, com várias escalas; de Moscou a Sebastopol, 38 horas; e da capital russa até Kharkov, a uma distância de 485 milhas, em torno de 17 horas<sup>8</sup>.

Como tantos intelectuais do continente, Caio Prado Júnior também se interessou em conhecer de perto a União Soviética. Em fevereiro de 1933, o jovem decidiu ir àquele país<sup>9</sup>, mas quis evitar que a notícia fosse divulgada<sup>10</sup>. A data da visita ao país dos sovietes foi escolhida pouco tempo depois.

Entre maio e junho de 1933, faria sua primeira viagem importante para o mundo do socialismo. Uma verdadeira iniciação. Caio viajou para a URSS com a esposa, Baby. O casal saiu de Paris, seguiu para a Alemanha, passou pela Polônia e de lá para Leningrado. Durante um mês e meio, os dois visitaram, com um guia, essa cidade (antiga Petrogrado e atual São Petersburgo), assim como Moscou, Kiev, Kharkov, Ialta, Kazan, Kislovodsk, Saratov, Rostov do Don e outras localidades da Rússia, Ucrânia, Geórgia e Cáucaso do Norte<sup>11</sup>, muito provavelmente utilizando os serviços da Intourist, a agência de viagens oficial do país (na própria Embaixada soviética, na capital francesa, o itinerário era sugerido aos viajantes)<sup>12</sup>.

Em 1932, um *tour* de 23 dias pela URSS custava 276 dólares, incluídos traslados de trem em vagões com camas, hotéis de primeira classe, refeições,

automóveis, guias turísticos, intérpretes, ingressos de teatro e custos do visto. O trajeto era definido previamente pela Intourist (em geral passando pelos locais que CPJ esteve) e incluía passeios por Dnepropetrovsk e Dnieprostroi, a maior hidrelétrica do mundo até então<sup>13</sup>.

Na União Soviética, ele assistiu a manifestações de rua; conversou com operários e camponeses; viu de perto o Kremlin e o Palácio de Inverno; navegou pelo Volga; conheceu fazendas coletivas (como a “Comuna Seattle”, no Cáucaso do Norte); testemunhou a ida de trabalhadores a teatros e cinemas; caminhou por diferentes bairros das maiores cidades do país; visitou um *profilactorium* de prostitutas (onde delegados de várias repúblicas soviéticas faziam palestras sobre doenças venéreas); presenciou um julgamento num tribunal<sup>14</sup> e uma cerimônia religiosa na Catedral de Santa Sofia (para se certificar, por um lado, de que havia liberdade de religião na URSS, apesar do ateísmo de seus dirigentes e de estes não incentivarem os cultos, e, por outro, para confirmar a falta de interesse da população pelas igrejas, que, de acordo com ele, estavam vazias); percebeu a propaganda antirreligiosa nas ruas<sup>15</sup>, indo a museus públicos sobre o tema<sup>16</sup>; conheceu um clube de ferroviários, a usina Selmachstroi (de construção de máquinas agrícolas) e o *sovkhоз* Verblud, no Cáucaso do Norte, assim como diferentes fábricas, livrarias e bibliotecas populares; e ficou “encantado” com o nível de politização, educação e cultura dos cidadãos soviéticos.

O casal demonstrava interesse por cada detalhe da viagem. Em Moscou, por exemplo, caminharam pela Praça Sverdlov e pelo Parque Gorki, além de visitarem a Praça Vermelha e o Grand Théâtre. Uma passeata de militares, certa manhã, chamaria bastante sua atenção.

Ao longo da viagem, fotografaram o Palácio de Livadia, em Ialta, na Crimeia; cenas cotidianas dos cidadãos em Kiev (como um enterro, por exemplo); um bairro operário, máquinas agrícolas, a cidade universitária e crianças brincando em Rostov; uma ponte sobre o rio Moscou; um cais em Kazan; o quebra-gelo Krassin; uma estrada na Geórgia; soldados georgianos; uma comuna em Kharkov (a maior cidade da região histórica de Slobozhanshchyna); e cenas cotidianas de Saratov (centro administrativo do Oblast de Saratov e importante porto no rio Volga) e Kislovodsk (no norte do Cáucaso, no Stavropol Krai, entre o Mar Negro e o Mar Cáspio)<sup>17</sup>.

O historiador chegou à URSS no início do Segundo Plano Quinquenal, que fora colocado em andamento naquele ano<sup>18</sup>. O país se modificara rapidamente desde 1929. O fato é que, no final de 1933, aproximadamente 99% da indústria soviética já estava socializada. Os centros foram reorganizados, novos surgiram (como Dnieprostroi e Stalinsk) e o número de operários nas fábricas e usinas, que era de 11.599.000 em 1928, subiu quatro anos depois para 22.942.800. Juntamente com o processo intensivo de industrialização do país, ocorreu também

a coletivização acelerada da agricultura, que resultou, em 1933, em cerca de 25 milhões de propriedades camponesas individuais, concentradas numa estrutura de fazendas coletivas ou estatais<sup>19</sup>.

Em 5 de janeiro de 1930, o Comitê Central do PCTU detalharia a forma como se daria a coletivização, a partir de três “grupos” de regiões. Naquelas que se destacavam pela grande produção de cereais, como o Cáucaso do Norte e o Médio e Baixo Volga, a coletivização seria concluída na primavera de 1931. Já na Sibéria, Ucrânia, Cazaquistão e Urais, um ano mais tarde. E as demais, como a Transcaucásia, a Ásia Central (e mesmo a capital, Moscou), em 1933. Mas a forma como o processo foi conduzido resultou em graves distorções e reveses, tanto no painel macroeconômico como na vida de milhares de camponeses. Nas palavras de Ralph Miliband, a política de coletivização forçada “encontrou feroz resistência no campo e foi levada a cabo com determinação implacável e a um custo humano e material terrível”<sup>20</sup>. Afinal, como afirmou o italiano Fabio Bettanin:

o campo soviético foi teatro de uma profunda e rapidíssima transformação das suas estruturas sociais e econômicas. Milhões de pequenas propriedades camponesas, que até então produziam quase que exclusivamente para o autoconsumo, passaram a fazer parte dos *kolkhozes*; centenas de milhares, se não milhões, de *kulaks*, que compunham os setores abastados semicapitalistas do campo, foram privados dos seus bens, deportados e muitas vezes “liquidados”, inclusive fisicamente; as velhas instituições comunitárias russas, como a *obschina* e o *mir*, foram suprimidas, enquanto as representativas, como os sovietes, criados depois da renovação, cessaram definitivamente de desempenhar um papel autônomo; o sistema comercial, baseado no *chastinik*, o comerciante privado, foi eliminado e substituído por um sistema de entregas obrigatórias gerido diretamente pelos organismos estatais e cooperativas; criou-se praticamente do nada uma rede de fábricas de tratores e colheitadeiras, fertilizantes químicos etc. Enfim, *last but not least*, o Partido assumiu diretamente a direção de cada setor da coletivização, incluídos aqueles mais estritamente econômicos, sem conceder qualquer margem de autonomia à sociedade camponesa.<sup>21</sup>

Caio Prado Júnior testemunhou os resultados desse processo no meio rural. Mas em nenhum momento mostrou-se desfavorável a ele. Não há questionamentos ou críticas públicas do intelectual paulista aos anos de consolidação de Stalin no poder, tampouco aos custos humanos do plano quinquenal.

Para ele, a comunidade era uma forma de cooperação superior, na qual a produção estaria integralmente socializada. Seria um “estágio avançado” da ideologia camponesa, constituído de indivíduos já libertos, em parte, da “herança individualista” dos regimes passados<sup>22</sup>. Por ter um caráter supostamente contrário à

psicologia do campônio médio, ainda não constituía a forma mais comum ou popular no agro soviético, representando apenas 7% da área cultivada<sup>23</sup>. Caíto acreditava que a tendência no futuro seria a ampliação dessa modalidade; ainda assim, muitas comunas, em relatos de outros visitantes<sup>24</sup>, pareciam ineficientes e, em 1933, teriam praticamente acabado em seu formato original.

Talvez o principal exemplo de comunidade agrícola que o historiador brasileiro tenha conhecido *in loco* seja a Comuna Seattle, descrita por ele como uma verdadeira “fazenda modelo”<sup>25</sup>. Caio Prado Júnior diria, em relação àquela experiência:

Tudo nelas é levado ao extremo da perfeição, e o rendimento pode-se dizer que é o máximo possível. Nada é descurado, e a meticulosidade nos menores detalhes é realmente admirável. As comunas não têm neste respeito nada que invejar às mais aperfeiçoadas explorações agrícolas modernas.<sup>26</sup>

Vale recordar que em 1921 William Haywood, um dos mais importantes dirigentes da IWW, reuniu duzentos colegas norte-americanos e fundou, na Sibéria, a colônia industrial autônoma de Kuzbass, uma experiência que abriu caminho para outras empreitadas de militantes dos Estados Unidos na Rússia. No ano seguinte, um grupo de 87 pessoas provenientes dos estados de Washington e Oregon (em sua maioria *wobblies* e membros do Partido Comunista, muitos dos quais presos durante as Palmer Raids), lideradas por Victor Saulit, um dos fundadores do Communist Labor Party em 1919, mudou-se para a URSS e fundou a Comuna Seattle (ou Seyatel Commune). Localizada nas estepes do Don, recebeu, no início dos anos 1930, mais de cem novos imigrantes norte-americanos, que chegaram para trabalhar (estes, por sinal, tinham de passar por um rigoroso processo seletivo e ainda pagar uma taxa de quinhentos dólares cada um para ingressar na comunidade).

O fato é que a Seyatel Commune, que utilizava mão de obra e tecnologia exclusivamente ianques, podia ser considerada uma “ilha” de prosperidade e abundância em meio à situação econômica difícil pela qual passava boa parte da nação, principalmente no começo da década. E era, certamente, mais avançada e preparada também em termos *ideológicos*. Ou seja, seus membros eram militantes experientes, com alto grau de consciência política. A comuna seria reorganizada como uma fazenda coletiva e se tornaria, em seguida, uma comunidade agrária.

Caio Prado Júnior visitou a URSS poucos anos após o Politburo decidir (em 1930) convidar 4.700 estrangeiros para trabalhar na Rússia, número que se ampliaria em mais 10 mil em 1931, numa campanha liderada pelo VSNKh (ou Vesenkha), o Soviete Supremo da Economia. A maioria vinha de países como Alemanha, Estados Unidos, França, Tchecoslováquia, Áustria, Inglaterra, Finlândia e Noruega e se envolveria em ramos da indústria pesada; um número

menor de *experts* iria para instituições não industriais (o Narkomsnab, por exemplo, convidaria cozinheiros e especialistas para o setor público de nutrição, e o Kremlin, médicos para vários hospitais).

Até mesmo brasileiros participaram da empreitada. Luiz Carlos Prestes, por exemplo, ajudou “a construir o socialismo na Rússia, nas usinas de Dniepeostroj”<sup>27</sup>, e Octávio Brandão exerceu uma diversidade de atividades entre 1931 e 1946<sup>28</sup>. Já outro conterrâneo, o arquiteto, engenheiro e urbanista Cláudio Edmundo, após se formar na Universidade de Paris, chegou à URSS em meados de 1930 em busca de trabalho e foi contratado por seis anos, recebendo um salário de 400 rublos (ou 200 dólares), após apenas vinte minutos de entrevista. Lá trabalhou no primeiro e segundo planos quinquenais, como arquiteto e urbanista do Conselho Supremo da Economia Nacional, anexo ao Gosproekt. Nesse período, declarou ter ajudado a projetar algumas cidades diretamente da planta, entre as 150 urbes de 10 mil habitantes que estavam sendo construídas na época (uma das que desenhou destinava-se a um combinado industrial composto de cinco usinas de tijolos e ladrilhos, latrinas, tubos de esgoto e cerâmica, situado nas margens do lago Baikal, perto de Irkutst). Em carta de 14 de setembro de 1931, ele disse (talvez com certo exagero) que a empresa onde estava lotado, a Standargorprojekt, tinha a seu cargo a construção, até dezembro daquele ano, de 8 milhões de metros quadrados de superfície habitável, ou seja, a criação de alojamentos para 1 milhão de pessoas. Só ele, pessoalmente, estaria incumbido de projetar 22 novas cidades para 20 mil habitantes cada uma. Edmundo escreveu mais tarde um livro bastante conhecido na época, *Um engenheiro brasileiro na URSS*, o qual Caio Prado Júnior certamente leu<sup>29</sup>.

Os estrangeiros que trabalhavam na URSS eram deslocados, por exemplo, para fábricas de tratores em Cheliabinsk e de engenharia mecânica em Gorki e Magnitogorsk, para os campos de petróleo de Grosny e as madeireiras em Carélia. Nesse período, a maioria das indústrias soviéticas seria construída a partir de desenhos e projetos norte-americanos. Em Gorki (antiga Nijni Novgorod), que chegou a ser chamada de “Detroit russa”, a fábrica de carros Zim era uma cópia da Ford (foi erguida em 1932 com a ajuda de especialistas da própria Ford Motors). A cidade se tornou conhecida igualmente pela construção de locomotivas, maquinaria pesada e material rodante. Já Novosibirsk ganhou o apelido de “Chicago siberiana”. Também em 1932, a União Soviética importaria oito locomotivas dos Estados Unidos, fabricadas pela General Electric, para que fossem usadas no novo segmento eletrificado na Geórgia, na Passagem de Suramisk, entre Tbilisi e o Mar Negro. A GE vendeu aos soviéticos, em seguida, os projetos das locomotivas, possibilitando que novos trens pudesse ser construídos na URSS. A partir daí, várias foram montadas (na prática, cópias de modelos norte-americanos), inclusive a diesel, que começaram a ser usadas em meados

dos anos 1930. Por seu lado, o complexo metalúrgico de Kuznetsk (o segundo maior da URSS), foi projetado com o auxílio da Freyn Engineering Company, enquanto a American Coppers Company e a McKee Company de Cleveland foram fundamentais para erguer o homólogo de Magnitogorsk. Justamente naquela época, o termo “fordismo” se tornou comum no país<sup>30</sup>.

É compreensível, portanto, que Caio Prado Júnior, ao testemunhar na URSS o que havia de mais avançado na produção agrícola soviética em termos de mão de obra, maquinaria e tecnologia (em grande parte proveniente do Ocidente, especialmente da “América”), em visitas dirigidas pela Intourist, ficasse bastante impressionado. Para ele:

é certo que este processo de transição para as comunas é relativamente lento, e mesmo, no momento atual, muito pouco animado pelos dirigentes soviéticos. Eles reconhecem que por enquanto ainda é cedo para se pensar numa adaptação geral da massa camponesa a um tipo de organização que requer predicados que a maioria desta massa ainda está longe de possuir. Mas as comunas que já existem e cujo número tende, apesar de tudo, a crescer mostram não só a possibilidade de se realizar no campo um regime integralmente socialista, como ainda nos dão o quadro futuro da economia agrária da União Soviética.<sup>31</sup>

O que ele não poderia saber, quando escreveu seu livro, é que muitos membros das comunas de Kuzbass e Seyatel seriam executados entre 1934 e 1938, durante os expurgos stalinistas. E que em 1961 a “comuna” seria finalmente destituída de seu nome original...

A mil milhas de Moscou e a três horas de trem de Rostov, no Cáucaso Setentrional, cidade próxima do mar de Azoy e coração do velho território cosaco (região de Rostovskaya), onde se produzia maquinaria agrícola, produtos alimentícios, cimento, estaleiros e cigarros (assim como onde se encontrava a Gigant, a maior propriedade rural do mundo), Caio Prado Júnior visitou a imensa Fazenda n. 2, também conhecida como Verblud, com seus 375 mil acres e 1.400 trabalhadores, um projeto stalinista que utilizava alta tecnologia e que também o impressionou. No local, que contava com a presença de muitos norte-americanos, a companhia Caterpillar forneceria 60 tratores para ajudar na colheita de 2,5 toneladas de grãos (principalmente trigo). A Verblud ainda possuía um Instituto Técnico com 600 alunos, além de prédios, lojas e escritórios<sup>32</sup>.

O historiador não deixaria de tirar dezenas de fotos de todos os locais por onde passou. Cidades, edifícios, bondes, barragens, turbinas, construção de prédios, cidadãos... Tudo interessava ao jovem intelectual.

Logo que retornou a Paris, escreveu, em 23 de junho de 1933, uma carta entusiasmada a seus pais, para contar o que vira durante o périplo. Comentou:

De volta da URSS viemos encontrar uma massa de cartas que ficaram todas, involuntariamente, sem resposta. Aqui vai uma por todas. Gostei muito da viagem. Apesar de todos os incômodos de um mês e meio ininterruptamente em movimento, aproveitei consideravelmente, mais do que imaginava. Fazer aqui a descrição, mesmo aproximada, do que vi, é praticamente impossível. Seria tanto que dizer que não haveria lugar na carta mais comprida do mundo. Mas como há de haver uma grande curiosidade sobre minha opinião, lá vai uma miniatuра. Há na Rússia muita coisa por fazer e muita coisa feita. O que há por fazer ainda é acabar de arrancar o país do atoleiro de atraso, ignorância, superstição e miséria em que o antigo regime tsarista o mantinha para satisfação de meia dúzia de grão-duques e príncipes. O que já existe feito, é o primeiro esforço de reconstrução e renovação de um país em bases completamente novas. São estes os dois os feitos da Rússia com que topei a cada passo. De um lado uma usina moderna, aparelhada como as mais perfeitas do mundo; dentro um camponês miserável lavrando o seu campo com arado [ilegível] e um cavalo esquelético. De um lado o russo moderno, especialmente a nova geração, que apesar dos sacrifícios que suporta, comprehende que na Rússia se constrói uma sociedade mais feliz e mais sá, e por isso aceita as dificuldades [ilegível] na certeza [de] que são passageiras e que preparam um mundo melhor. Doutro lado o russo antigo, inadaptado e incapaz de ver além do dia de hoje, e que, por isso, enxerga apenas o mau momento que deve atravessar. De um lado o atraso de um povo mergulhado por séculos na ignorância e na miséria; doutro o esforço e a vontade de melhorar que existe na massa da população. São estes aspectos contraditórios que formam o quadro da Rússia de hoje.

Mas há ainda um ponto, certamente mais importante para quem analisa a URSS [...] isto é, será capaz de resolver os seus problemas melhor do que o fazem os países capitalistas? É esta uma questão, que independente de qualquer ideia preconcebida, eu me propus quando parti. Era aliás o que mais me interessava. Vi e senti imediatamente que na URSS estava-se fazendo alguma coisa; que apesar do muito que ainda falta, muito já estava feito e, principalmente, todo mundo sabia o que ia fazer. Existe um programa, claramente traçado, que aos poucos vai sendo executado. Levará mais ou menos tempo, não sei; mas o que é mais importante, ele existe. Era portanto a resposta à primeira parte da questão: o regime russo sabe como resolver seus problemas e está em vias de resolvê-los. Agora a segunda parte: resolve-os melhor que os países capitalistas? Mais ou menos isolado do resto do mundo enquanto viajava, esperei, para responder a esta pergunta o dia que voltasse a Paris e pudesse assim lançar mais uma vista d'olhos sobre o mundo capitalista. E a primeira coisa que vejo é a Conferência Econômica de Londres, que antes mesmo de iniciada, já passou para o terreno da palhaçada. E este comentário não é meu, porque o primeiro jornal francês

que li, aliás o *respeitabilíssimo* “Le Matin”, chamava a Conferência de “Congrès International de Sciences Ocultes”, e fazia outros comentários no mesmo tom. Ora, quando os expoentes dos países mais civilizados do mundo se reúnem para resolverem seus problemas, e se transformam em verdadeiros palhaços de que todo mundo se ri, qual é a conclusão que qualquer pessoa de bom senso e boa-fé pode tirar? Deixo a resposta a papai e mamãe.

Não há mais espaço aqui para alongar estes comentários, e deixo assim a continuação para outra vez.

Mil beijos nas crianças – já não posso mais de saudades – e um grande abraço do filho afetuoso.<sup>33</sup>

Pouco tempo depois, enviou uma nova missiva para os progenitores, tentando dar uma visão mais equilibrada de sua experiência soviética. Também redigida na França, com data de 1º de julho de 1933, afirmava:

Na última carta prometi continuar meus comentários sobre a viagem à Rússia. Não sei que impressão causou o que escrevi da última vez. Otimista, não? No entanto, escrevi sem pensar. Quis que minha carta refletisse fielmente o que senti durante a viagem, sem artifício algum acrescentado depois; e por isso fiz questão que tudo saísse da pena de um jeito só.

Uma coisa que logo comprehendi foram as opiniões contraditórias que existem sobre aquele país. Compreendi que todas podem ser fruto da maior boa-fé. Há vários modos – pelo menos dois – de observar e interpretar a Rússia, como também há vários modos de interpretar qualquer país. Quem vê a URSS apenas superficialmente, procurando somente aquilo que *imediatamente* impressiona os sentidos, sente-se muito mais inclinado a criticar. E isto se dá especialmente com aqueles que, acostumados a este marxismo de conforto que os países capitalistas proporcionam a uma parte ínfima da população, sentem-se subitamente em contato com um regime que se preocupa não em acumular para alguns, mas dividir para todos. É isto que a maior parte dos viajantes que visitam a Rússia de hoje são incapazes de compreender. E incapazes não porque estejam de má-fé, mas porque lhes falta em geral um termo lógico de comparação. Quem sai por exemplo de Paris, e compara seus “boulevards” e avenidas com a mediocridade das cidades russas, sente naturalmente um contraste chocante que põe a URSS num plano muito inferior. Mas assim como há duas Rússias, há também dois Paris. E se tomar por base este outro Paris – que em regra só conhece quem vive nele – onde milhares de pessoas levam uma vida inconcebível para quem só vê o lado bom da vida, se se fizer isso, já uma viagem à Rússia traz outras impressões. Como já disse na última carta, nem tudo é perfeito na URSS. Longe disto: há muito, muitíssimo mesmo, ainda por fazer. Mas não é nesta consideração que

devemos nos deter. A URSS tem progredido, isto é incontestável e ninguém nega. Doutro lado cada progresso corresponde a uma melhoria da massa da população. E se o nível de vida desta ainda é baixo, isto é devido à situação geral do país, ainda muito inferior à dos países adiantados do mundo. Compare-se agora isto com os resultados do progresso material nos países capitalistas. Em que deu ele? Em que momento quando as possibilidades da produção (e portanto a riqueza) chegaram a um auge, mais de 50 milhões de indivíduos – que somados às suas famílias perfazem cerca de 200 milhões – passam as maiores privações e morrem de fome nos países mais ricos do mundo, não porque haja falta de produção, mas paradoxalmente porque há demais! Está aí como se deve estabelecer comparação entre a URSS e os demais países do mundo. E quem se esquece disto, ficando apenas na superfície dos acontecimentos e impressões que obtém numa viagem à Rússia, este fatalmente apreciará erradamente o vé.<sup>34</sup>

Para compor seu retrato da Rússia soviética, Caio Prado Júnior utilizaria, além de suas anotações de viagem, alguns livros da época. Antes de publicar *URSS, um novo mundo*, leu o *best-seller* do médico, jornalista e futuro membro da ABL Maurício de Medeiros, *Rússia*, que teve seis edições consecutivas, totalizando 24 mil exemplares vendidos. O relato de Medeiros (que chegou a ser diretor-geral de Higiene do Rio de Janeiro) foi o primeiro de um brasileiro na chamada “pátria do socialismo”. Dois trabalhos do amigo Osório César, marido de Tarsila do Amaral, *Onde o proletariado dirige* e *Que é o Estado proletário?*<sup>35</sup> provavelmente serviram também de subsídio para sua obra. Do professor, escritor e bibliófilo português Carlos Afonso dos Santos consultou *Como eu vi a Rússia*, seu maior sucesso literário, lançado em Lisboa pela Livraria Popular de Francisco Franco em 1932. E, então, *Comment on vit en URSS*, do anticomunista Émile Schreiber<sup>36</sup> e *Ethnographie, folklore et archéologie en URSS* (1933), da Société pour les Relations Culturelles entre l’URSS et l’Étranger<sup>37</sup>.

Já para se inteirar da situação política e econômica em linhas teóricas, recorreria aos estudos do então primeiro-secretário do Partido Comunista da Ucrânia, o ultra-stalinista judeu Lasar Kaganovich, *La structure du Parti Communiste de l’URSS (Bolchévik)*; do próprio Joseph Stalin, *Em marcha para o socialismo* e *Work in the Rural Districts*; pelo menos quatro livros de Leon Trotski, *La révolution défigurée, Lenine, L’Internationale Communiste après Lénine* e *O plano quinquenal*; o *Traité de droit civil et commercial des soviets*, de Eliachevitch, Tager e Nolde; e *De l’expérience de l’illégalité bolchevik*, de B. Vassiliev. Isso para não mencionar as obras escolhidas de Lenin (das quais devia conhecer o conteúdo, pelo menos, panoramicamente), além de artigos sobre o país em revistas como *The Economist* e *Political Science Quarterly*.

A primeira viagem de Caio Prado Júnior à União Soviética resultará em duas palestras lotadas no CAM, em debates acalorados e num livro de sucesso instantâneo, *URSS, um novo mundo*, que terminou de ser escrito em São Paulo, em janeiro de 1934, e foi publicado em março do mesmo ano, esgotando-se rapidamente (a segunda edição, de 1935, seria confiscada pela polícia, algo que não era incomum com obras de temas análogos naquela época). A ânsia do público por detalhes sobre a terra de Lenin era grande.

De fato, foram várias as conferências realizadas no CAM sobre a “pátria do socialismo”. Em 24 de julho de 1933, Jayme Adour da Câmara discursou sobre as mudanças que vinham ocorrendo na URSS. Cinco dias mais tarde, Tarsila do Amaral faria uma exposição sobre a “arte proletária”, na qual destacaria pôsteres produzidos naquele país. E em 29 de novembro, juntamente com Flávio de Carvalho, Câmara discutiria o “Reconhecimento da URSS pelo Brasil”. A palestra mais concorrida, contudo, foi a de Caio Prado Júnior, intitulada “Rússia e o mundo do socialismo”, proferida em 6 de setembro de 1933 (um discurso datilografado de 32 páginas), na qual ele diria que a União Soviética era “a Terra Prometida para a glória do proletariado universal”, chegando, inclusive, a elogiar a GPU! O interesse foi tal que nove dias mais tarde ele daria uma nova conferência no CAM e, logo depois, outra, com o título “As causas da Revolução Russa de 1917”, no Sindicato dos Operários da Companhia Docas, em Santos<sup>38</sup>.

Alguns meses antes, entretanto, o jornalista, ex-integrante da Coluna de Isidoro Dias Lopes e cônsul do Brasil em Xangai, Nelson Tabajara de Oliveira, falara sobre a China, nação que conhecia de perto. Em seu discurso, mudou o tom laudatório ao comentar o caso soviético, focando criticamente os emigrados. Nas palavras de Graziela Forte, “na agremiação [CAM] havia espaço para opiniões diversas. Enquanto Caio Prado Júnior procurou mostrar só o lado positivo da experiência russa, Tabajara ressaltou o grande número de russos vivendo fora de seu país por não aceitarem as ideias de Stalin”<sup>39</sup>.

Após o ciclo de palestras, CPJ produziu seu *URSS, um novo mundo*, o terceiro volume da Coleção Viagens, da Companhia Editora Nacional, que havia publicado anteriormente *América*, de Monteiro Lobato, e *Shangai*, de Tabajara de Oliveira<sup>40</sup>. Com seu livro, tentava suprir a demanda do público brasileiro por informações sobre a Rússia soviética<sup>41</sup>. O historiador admitiu ter recebido numerosas solicitações para que desse mais conferências sobre o tema, além das duas que havia proferido no CAM, local que tinha, de acordo com ele, pouco espaço para comportar grandes públicos (no salão só cabiam 120 pessoas, mas segundo relatos da imprensa, 600 ouvintes teriam ficado de fora, sem conseguir entrar no recinto)<sup>42</sup>. Como em suas apresentações as perguntas eram muitas e constantes, e sem querer repetir-se, achou por bem escrever o livro, que, como

ele próprio afirmou, não trazia nada de novo, nem mesmo possuía originalidade: era tão somente um simples “relato”, no qual buscou ser “sincero” e “imparcial”.

A procura pelo trabalho foi intensa, principalmente pelos jovens. A Liga Acadêmica (uma associação cultural que congregava a maioria dos estudantes das escolas superiores de São Paulo), por exemplo, ao reformar e ampliar sua biblioteca, solicitou a Caio Prado Júnior, “pela simpatia que os acadêmicos dedicam à sua pessoa, pelo talento magnífico que orna a sua cultura, pela emocionante veracidade de um de seus melhores livros”<sup>43</sup>, que ele lhes doasse exemplares de *URSS, um novo mundo*, para que pudessem ter em suas prateleiras obras relativas “ao movimento socialista que empolga a humanidade toda”<sup>44</sup>.

A repercussão na imprensa também foi significativa. É bem verdade que recebeu uma ou outra crítica. Benjamin Lima, de *O Paiz*, por exemplo, disse que aquela era “a mais decidida apologia que em língua portuguesa já se fez da obra concebida e iniciada por Lenin. O sr. Caio Prado Júnior [...] revela-se um ortodoxo, um fanático do marxismo”<sup>45</sup>. A maioria das resenhas e notas, contudo, foi bastante favorável. Álvaro Augusto Lopes, de *A Tribuna*<sup>46</sup>, elogiou o trabalho, assim como Heitor Moniz, do *Correio da Manhã*<sup>47</sup>. O mesmo pode ser dito de matérias em *A Bahia*<sup>48</sup>, *Gazeta Popular*<sup>49</sup>, *O Jornal*<sup>50</sup>, *Folha da Noite*<sup>51</sup>, *A Tarde*<sup>52</sup>, *O Semeador*<sup>53</sup>, *Fon-Fon*<sup>54</sup> e *O Radical*<sup>55</sup>.

Aquele seria mais um texto escrito por um “viajante” brasileiro à terra de Lenin e figuraria ao lado dos livros de Maurício de Medeiros e Juvenal Guanabarino, por exemplo, assim como os de alguns estrangeiros publicados por aqui, como o do jornalista espanhol Álvarez del Vayo. Afinal, vale recordar que vários escritores nacionais também lançariam narrativas sobre a Rússia, ainda que o livro de Caio Prado Júnior não fosse, necessariamente, memorialístico, mas sobretudo a tentativa de mostrar as instituições e a política soviéticas para um público mais amplo.

O fato é que nos anos 1930 alguns trabalhos foram publicados sobre a União Soviética no Brasil. Entre os mais conhecidos, é possível citar *O comunismo russo e a civilização dos soviets*, de dom João Becker (1931); *O que é o plano quinquenal*, de Jayme Adour da Câmara (1931); os já mencionados *Rússia*, de Maurício de Medeiros (1932)<sup>56</sup>, *Um engenheiro brasileiro na Rússia*, de Cláudio Edmundo (1933) e *Onde o proletário dirige*, de Osório César (1933); *URSS, Itália, Brasil*, de Astrojildo Pereira (1934)<sup>57</sup>; *O que vi em Roma, Berlim e Moscou*, de Juvenal Guanabarino (1934); *O fenômeno jurídico no país dos soviets e Sociologia soviética*, de Almáquio Diniz (1934)<sup>58</sup>; e *Bolchevismo*, de Gondin da Fonseca (1935)<sup>59</sup>, assim como aqueles produzidos por estrangeiros<sup>60</sup>.

O livro de Caio Prado Júnior, por outro lado, servia como uma resposta aos livros críticos ao comunismo (ou à União Soviética, especificamente) que circulavam no mercado nacional naqueles anos, como *Destino do socialismo*, de

Octavio de Faria<sup>61</sup>, *Komintern, A evolução do comunismo no Brasil* e *Lenine*, de O. de Carvalho e Souza<sup>62</sup>, e *O império soviético*, de Dionisio Napal<sup>63</sup>.

Carvalho e Souza chegou a dizer, em seu *Lenine*, que o comunismo, *teoricamente* ainda dominando a Rússia, teria sofrido uma tripla derrota: a primeira no campo social (considerando que este só teria contribuído para aumentar a miséria e a exploração das classes trabalhadoras); em seguida, na esfera da política, ao liquidar tudo que o havia elevado ao poder e que constituía a justificativa e a razão da “ditadura terrorista”; e, finalmente, no setor moral, pois se revelara mais cruel do que a antiga autocracia<sup>64</sup>. E concluía: “E é nesta noite profunda que se perdem hoje os discípulos de Lenine, perseguidos pelo receio de ver renascer o que haviam julgado destruir, exasperados pelas dificuldades constantes sempre aumentadas pelo ódio cego e pela sua crueldade indomável”<sup>65</sup>.

Por sua vez, Octavio de Faria, em *Destino do socialismo*, publicado em 1933 pela Ariel, “editora de prestígio do Rio de Janeiro”<sup>66</sup>, e escrito a partir de cinco comunicações feitas em 1931 no Centro de Estudos Jurídicos e Sociais, é um libelo contra o marxismo e o bolchevismo. Afinal, o autor achava que a tendência a ser socialista havia se tornado “quase uma epidemia”, resultado de uma suposta “falta de cultura” de um público que se deixava levar pelo “sentimentalismo fácil”. Diria ele, em relação a seu trabalho:

Não é um livro de exposição, mas de crítica. Não é o depoimento de um neutro que não tem partido ou que acha que uns têm uma parte e outros a outra parte da razão. É um ato de fé antissocialista. É uma condenação rigorosa, lavrada por alguém que, achando que está com a razão, vem trazer à luz do dia, para o julgamento público, os seus motivos e as suas conclusões.

Visa convencer e visa converter. Não se dirige apenas aos que hesitam. Vem ao encontro dos que creem, dos que pensam de modo contrário a ele. É a eles mesmos que mais se dirige, pois é, essencialmente, um livro de sinceridade.<sup>67</sup>

Finalmente, *O império soviético*, livro do monsenhor Dionisio Napal, que teve oito edições sucessivas na Argentina (com uma venda total de 110 mil exemplares desde que foi lançado em seu país de origem, em julho de 1932) e foi publicado no Brasil em 1934 com tradução de A. B. Martins Aranha, é outro exemplo da propaganda anticomunista difundida por aqui. Logo no início, dirá que “o império soviético não é a terra de promissão vaticinada no espaço de quase um século pelos teoristas marxistas. Seu programa, que previa bem-estar e fraternidade, tornou-se lastimosamente falido”<sup>68</sup>. Daí em diante, Napal desfiará seu ódio à URSS, ao “denunciar” a tirania, sordidez, violência, falta de liberdades, os privilégios da “casta” do partido, a vigilância e as perseguições constantes da Cheka<sup>69</sup> e da GPU<sup>70</sup>, o burocratismo, o terror vermelho, as prisões, as execuções,

o desprezo pela religião, as expropriações, a questão do casamento e da família, a situação das crianças, a educação, entre outros aspectos da Rússia soviética. Isso tudo deveria ser combatido, com o apoio da Igreja e da fé e moral cristãs. Preocupado com a infiltração comunista na Argentina, o padre fazia um apelo aos leitores para lutar contra os “delinquentes” socialistas. Por isso, obras como a de Caio Prado Júnior certamente cumpriam uma função importante, ao dar uma visão alternativa da terra de Lenin.

Bem diferente em tom e estilo, mas parecida nas conclusões de Caio, é a seção sobre a Rússia do livro de Jayme Adour da Câmara, *Oropa, França e Bahia*, publicado na mesma época. Câmara, que entrou no país por Leningrado, via Finlândia, e realizou parte do *tour* pelos lugares “turísticos” daquela e de outras cidades soviéticas por onde CPJ passou, retratou sua experiência de forma entusiástica<sup>71</sup>.

Talvez o relato mais tendencioso e pouco matizado de um conterrâneo tenha sido o de Cláudio Edmundo. Não há uma descrição desfavorável ou crítica da “pátria do socialismo” em seu *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Este não parecia ser o relato de um viajante, mas quase uma peça de propaganda unidimensional feita por um “morador” de um país sem defeitos, que rumava a passos rápidos para o comunismo. Para ele, num futuro próximo, não haveria mais dinheiro, opressão, classes e burocratismo na União Soviética. As grandes cidades “tentaculares” da época, os centros administrativos e as áreas rurais desapareceriam. Com a industrialização da agricultura (que estaria “completamente” concluída em 1933), o campesinato “embrutecido e ignorante, misantropo e desconfiado”, deixaria de existir. Em seu lugar, entraria o “alegre proletariado agrícola, instruído e consciente”, qualificado em agronomia, que viveria nas cidades e trabalharia no campo. Já os operários das indústrias viveriam em “cidades jardins, cercadas de árvores, confortáveis e higiênicas”, que estavam sendo construídas na época e onde reinava “o maior conforto”. Assim, os problemas ligados aos grandes centros urbanos, como a tuberculose e o tráfico de automóveis, seriam resolvidos. Por sua vez, a criminalidade já havia sido liquidada no país. Edmundo ainda dizia que economistas acreditavam que até 1947 seria possível estabelecer uma jornada de quatro horas de trabalho por dia para dois de descanso. Ou seja, aquele era o exemplo a ser seguido pelo resto da humanidade<sup>72</sup>.

Outros visitantes de esquerda, contudo, teriam uma opinião mais matizada da URSS. O dirigente do PCB Leônicio Basbaum, por exemplo, narrou anos mais tarde sua chegada ao país dos sovietes de maneira realista e sem os mesmos arroubos de outros camaradas<sup>73</sup>.

Já o arquiteto e pintor Carlos Prado, irmão mais novo de Caíto, um dos fundadores do CAM e também membro do PCB, parecia cauteloso ao elogiar os feitos revolucionários na Rússia. Carlos, que começou tão entusiasmado quanto CPJ

(antes de conhecer aquela nação), desiludiu-se com os anos. Mais tarde largou o partido de vez e tornou-se um ácido crítico do Kremlin. Em junho de 1933, após três meses de residência no Rio de Janeiro, mudou-se para Paris e, em agosto, viajou finalmente para a União Soviética. Lá, teve início sua decepção, que se agudizaria décadas mais tarde. Em carta ao mano, enviada de Paris em abril de 1934, ele diz que da “viagem de um mês em um país cuja língua se ignora não é possível recolher mais do que impressões, e ainda muito ligeiras. Estas impressões são de duas naturezas: de dúvida e de esperança pelo futuro do socialismo na URSS”<sup>74</sup>. Para ele, a URSS criava um “exército” de indivíduos improdutivos, sem interesse pelo internacionalismo proletário, fechados em si mesmos e aparentemente defendendo o modelo de “socialismo em um só país”. Muitos anos mais tarde, as opiniões de Carlos se tornariam cada vez mais distantes das de Caio Prado Júnior, e suas críticas à União Soviética aumentariam significativamente<sup>75</sup>...